A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes
ANO II - NUMERO 81 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

O' TU QUE FUMAS!

Dá um cigarro para os ve-lhi-nhos!

Dá um cigarro para os ve-lhi-nhos!

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 81

LISBOA 1 DE AGOSTO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSAO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

O' TU QUE FUMAS!

Uma linda ideia de O DOMINGO ilustrado, posta em pratica pelo DIARIO DE LISBOA

Ha muitos mezes que *O Domingo ilustrado* teve a ideia de alegrar os pobres asilados, para quem um cigarro é a maior distracção. Para pôr em pratica tão linda e simpatia ideia—a de levar um cigarrito barato ao pobre operario que o não tem no fim da vida—*O Domingo* solicitou a colaboração de *O Diario de Lisboa*, o grande vespertino da capital.

Agora, o *Diario de Lisboa* acaba de lançar nas suas colunas a nossa ideia, que lhe haviamos exposto, e em boa hora o fez, porque as adesões á nossa simpatica iniciativa têm sido enormes.

O Domingo orgulha-se, pois, de ter sugerido tão justa lembrança e, como lhe compete, por deste jornal ter partido a ideia, vai-lhe dar todo o apoio, apelando para que os numerosos leitores dos dois jornais secundem um alvitre que tem tanto de ternura como de originalidade.

O nosso esforço irá de preferencia para o cigarro dos invalidos do trabalho—os pobres operarios que trabalharam toda a vida e para quem sempre, no intervalo do trabalho, o cigarrito «tisico» de francês foi, nos bons tempos, a distracção, o lenitivo, o companheiro de horas boas e de horas amargas.

O' tu que fumas! ó tu que tens dinheiro para chupar um bom charuto ou te delicias pondo entre os labios a frescura duma cigarrilha «bout-doré»—deita, ao abrires a cigarreira, um cigarro nas caixas do *Diario* e de *O Domingo*. Dás uma esmola!

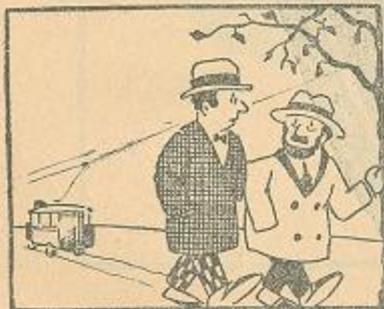
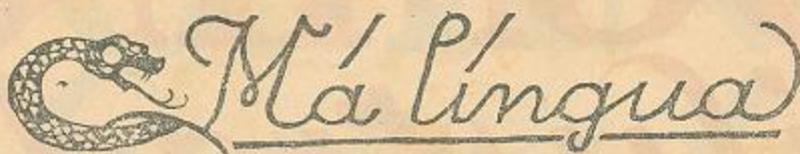
Dás mais do que uma esmola—porque fazes uma caricia.

Haverá para a tua dádiva um sorriso de velho—que vale tanto em bondade como os das crianças.

Não alimentas um vicio—porque não ha vicios de oitenta anos. Ha habitos, costumes, vida—vida muito proxima da morte, muito proxima daquele momento em que nem já mesmo os cigarros fazem falta!

A conferencia da autora do livro «Nua», na Sociedade de Geografia

A Sr. D. Judith Teixeira, que já se nos mostrou no livro «Nua», vae agora fazer uma conferencia sobre a sua moral, na Sociedade de Geografia. Achamos muito bem a iniciativa, mas o local pouco proprio.

A menos que seja uma piada fresca, e pode ser esta coisa da poetisa decadentista vir para a sala colonial dizer das moralidades do seu verso—piada a propósito, visto ela falar de «Nua» entre manequins de tanga...

Má língua

Novela sentimental... completada

Na multidão dos que amam por amor
ha trinta mil especies animaes
de «familia» inferior ou superior,
como ensinam as Sciencias Naturaes.

Porém, o que eu não tinha calculado
mas tenho de aceitar, porque já vi,
era que o amor mais firme e enraizado
tambem coubesse em peitos de biscuit.

Mas vão ouvir a historia... E' como tantas
que o homem tem vivido em toda a Terra.
Talvez esta inspirasse Julio Dantas
se o não prendesse a Divida á Inglaterra...

Uma creada velha, que eu amei
com todo o meu egoismo de creança,
e que por toda a vida lembrarei
numa funda saudade que não canço,

deu-me um dia uma jarra «muito linda»
para solemnizar não sei que data,
e cujas ruinas eu conservo ainda
no amor pueril a uma lembrança grata.

Representava um tronco tropical
em cujo largo bojo cor de ceu
cresceu, sobre um toilette, um mattagal
de variegados pregos de chapeu.

Na base,—o alargamento da raiz...—
em idyllica sombra (faz-se ideia..)
tinha duas creanças. O petiz,
muito aprumado, de calção e meia,

a mão no peito, um geito de galan
no braço em riste, a cabeleira airosa,
—e um ar primaveril de ante-manhã
na face bochechuda e cor de rosa.

Ella, de salto alto e caracoes,
braços pendidos, timidez humana
baixava os olhos claros como soes
na innocencia da sua porcelana...

Muito chegados, caras quasi unidas...
Um beijo apaixonado e sem disfarce
pairava sobre aquelas duas vidas
e, cruelmente, não chegava a dar-se...

Eu,—que não fui precoce no entender
de certas amargosas realidades—
naquelle tempo (ha tanto!) só de os ver
ficava accêsso em mil idealidades.

Cuidava a serio que era assim o Amor,
(já não tenho chymeras que lhe empreste!)
e via-me, aprumado, seductor,
vestido de velludo azul celeste,

a mão no peito, o braço airoso e curvo
com.. por força de um poder centripto,
—a murmurar um vago sonho turvo
sobre a grossa raiz de um eucalypto...

Depois...—Vamos á historia.—O outro dia
entrei no quarto pouco frequentado
onde sobre uma comoda dormia
a velha jarra que me tinham dado.

Outra creada,—destas mais modernas
onde a alma aos outras não persiste...—
áquele idyllio de creanças ternas
dera um ponto final glorioso e triste.

Limpando o pó, provavelmente, tinha
nalgum gesto brutal de dobadeira
degolado o galan... cuja boquinha
se unira emfim á da menina loira.

Depois de tanto, o accaso mais trivial
coroára a instancia de um desejo mudo.
Eu, recompuz a jarra, e a moral,
co' um suspiro, paciencia, e colla-tudo.

Mas fiquei a pensar... no coração,
em como é forte e caprichoso o amor.
Até para varinha de condão
lhe serviu desta vez o espanador!

TAÇO

ECOS

Engalinhar

E' sabido que ás vezes, debaixo dum grande odio pessoal, ou duma tremenda campanha moral, está apenas—uma pisadela, uma antipatia fisica, uma rabujice infantil.

Nada mais facil do que encontrar debaixo duma campanha de instrução, ou de odio contra os liceus—uma reprovação dum menino filho dum papá que escreve nos jornais.

Preguntado um director de jornal porque atacara ha tempos certo politico, respondeu com o mais claro sorriso:

—Porque «engalinho» com ele!

—Mas tem alguma coisa contra essa pessoa?

—Não. Não o gramo!

E é assim que se faz a Historia—mais, é assim que se faz a vida!

Duelos em Sintra

Em Sintra os duelos são como as queijadas—nunca vem um só.

O incidente desta semana é verdadeiramente decadentista.

Foi o caso que o nosso Mario Duarte distribuiu um bôdo de desafios, com grande repercussão filosofica nos jornais. Quanto a nós, na situação dêle, esperariamos que os desgraçados fossem ao consultorio, e se êle é o ofendido escolheriamos como arma o alicate a meio milimetro, e sem direito a recúo.

Com essa preparação de bôca ninguem mais se metia a dar á lingua!

NO ELECTRICO

—Agora no electrico o condutor vinha a olhar para mim como se eu não tivesse pago o bilhete...
—E você que fez?
—Olhei para ele como se o tivesse pago!...

questão prévia

Creio, meus amigos, que está tudo falsificado, a começar pela madre Natureza. Esta manhã de Julho, em que estou escrevendo e que deveria ser ardente, classicamente ardente como aquela que viu nascer, sobre a folha hostil duma figueira brava, a cristalina lagrima de orvalho, que Junqueiro ergueu em versos impecaveis, esta manhã de Julho, dizia eu, apresenta-se violentamente poeirenta e ventosa, com rajadas que sacodem as vidraças e nuvens de lixo que empanam a pureza do azul, sem nada que lembre aquela calma, pesada e luminosa, que era peculiar ao mês de Julho. Por vezes um espirro, tão espirrado e fundo como o das corizas de janeiro, interrompe as minhas reconsiderações e obriga-me a largar a pena para me assoar, com aquele som irritante de cornêta rachada, que é o «leit-motif» da sinfonia do inverno.

Está desengraçadamente acontecendo que, durante as vinte e quatro horas do dia, se atravessam fases caracteristicas das quatro estações do ano: noites de verão, tardes de primavera, manhãs de inverno e de outono, como se a Natureza, inexperiente e nova no oficio, estivesse a tentar experiencias.

A' semelhança do que acontece na Natureza, que nos está fornecendo um verão falsificado, alguns fenomenos de ordem diversa se veem produzindo contra todas as leis, usos e costumes, deixando-nos tão desorientados como a ventania de Julho.

Para exemplo da afirmação se mostra o que está ocorrendo em França, na França acolhedora e amavel, que tão legitimamente se orgulha da sua maternidade latina, mas que, presentemente, parece aspirar á posição ingrata de mãe dos povos tartaros e mongolicos, pelo delirio verdadeiramente chinês com que se entrega á caça ao estrangeiro que ousa devassar-lhe os misterios do «boulevard», tão cerrado e impenetravel como o Templo do Ceu, no tempo em que havia em Pekin um imperador de rabicho.

A França sorridente, perpetuamente menina e cheia de graça amavel, é hoje megéra rabujenta, que regouga insultos e levanta o bordão contra o «cão estrangeiro» (como dizia o chinês xenofobo), no receio rosnado de que lhe disputem a sua ração.

A garotinha airosa, em que alguns caricaturistas simbolisavam a «Marianne» gentil, que acolhia, sorrindo e comovida, o estrangeiro que ia ajuda-la a escorraçar da França o alemão teimosamente agarrado ao solo gaulez, essa garotinha airosa já a não vemos, depois das afrontosas scenas franco-chinesas do «boulevard», levando nos pela mão ás suas escolas, aos seus museus, aos seus monumentos de que se orgulha o genio latino. «Marianne» perfil de «midinette», desaparece sob as adiposidades placidas da «Marianne», mulher de «Sans-Culotte», tão feiamente semelhante á outra, que ha pouco mais dum seculo espetava num chuço a cabeça, decepada e sangrando, da linda Lambale.

Dupla interrogação, ansiosa e dolorida: como será o tempo e o que será da França, neste mês de Agosto que principia?

Acaso nos veremos forçados a desenterrar dos gavetões as galochas preventivas das chuvas e dos nevões?

Acaso assistiremos ao espectaculo de alguns milhões de franceses erguendo em volta de Paris uma muralha espessa, impenetravel ao estrangeiro e a cujas portas de bronze velem dia e noite as baionetas em que se reflecta o sol da Vitoria?

Acaso talvez—pior ainda!—o mês de Agosto nos reserve a triste surpresa de nos revelar, pelo ultimo radio expedido pela Torre Eiffel, que o derradeiro estrangeiro que havia em Paris está sendo devorado, depois de sumariamente assado, por uma tribu de antropofagos, que desceu da cordilheira de Montmartre e acampou na floresta de Capucines!...

Feliciano Santos

CANTO

—Este sujeito canta nos concertos de beneficencia...
—E' porque com certeza a voz dele mete dó!...

Humorismo

crónica alegre

O banquete da Curía—A oratoria e os oradores

EU se fosse governo—é assim que muita gente esboça a sua opinião, aliás sem o mais ligeiro desejo de o ser—eu se fosse governo, repito, proibia os discursos ou taxava fortemente a oratoria nacional. Com o pretexto de um almoço, de uma reunião, de um salsifré qualquer, não ha o direito de atordoarem a gente com uma avalanche de palavriado, chôcho e vazio, sem nexo, sem gramática e sem comiseração pelos ouvintes. Nos banquetes então é um pavor. O Colares, branco e Bucelas, tinto—não fálo já nos espiritos aromáticos que perfumam os finais dessas tragedias—tem o condão de diluir as conveniencias. A oratória, dissolvido o senso comum e anulada a acção da teína ingerida mal e porcamente em tempos remotos, explode intempestiva e inconveniente. A bossa discursiva descomprimida emfim, entra a vibrar e ha um «salve-se quem puder». No domingo passado, na Curia, reboaram rajadas de eloquência para que não houve abrigo aos mais prevenidos comensais.

Estimaveis Dermóstenes que desde Coimbra tinham a oratoria encravada, soltaram-na, como matilha prodiga em ladridos, aos ouvidos já atordoados pelo batuque infernal de um jazz-band.

Ainda se servia o peixe quando o primeiro orador se poz de pé. Parou o almoço, imobilizaram-se os queixos, estacaram os criados. Foi um quarto de hora formidavel, de comovente espectativa. Emfim acabou. Vamos continuar—pensaram alguns. Mal as travessas se aproximaram das mesas, logo outro se ergueu. Acabou êste, começou outro, e depois outro, dez, quinze, vinte... e nunca mais se comeu. O sr. Conde de Agueda disse:

—Não ha o direito de dar vivas á republica.

Eu direi:—Não ha o direito de não deixar comer... sobretudo as pessoas bem educadas. O sr. Alexandre de Almeida quando der outro banquete, tem de, primeiro, oferecer um chá. Talvez se não digam tantas inconveniências.

* * *

Houve episodios deliciosos. Ver o governo de pé—não foram minutos foi bem um quarto de hora — para ouvir o sr. X dizer que havia «estradas transversais e longitudinais»; ver quatro ministros, em posição de sentido, escutando respeitosamente uma ameijoada de logares—comuns capazes de fazer enjoar o patrão de um salva-vidas, foi realmente um espectaculo de extraordinario humorismo.

Outro cidadão em bicos de pés, agitando nervosamente os braços, atirava com a voz para as cumieiras do Buçaco, berrando desalmadamente. Dir-se-ia um agitador chamando ás armas os povos ou um senador romano anatematizando os pecados da Republica em plena Roma revolucionaria.

Perguntamos de que se tratava:

—E' um ataque ao governo?

E do lado respondem-nos.

—Está a falar das vantagens da industria hoteleira.

Esmorecemos. O homem continuava aos berros como se estivesse a abalar o Império Bisantino.

A meio do almoço, tudo já de pé, a multidão empanturrada de frases e perdida a esperança do assado (um *Inocente á Portuguesa*) avançou para a mesa de honra. Houve apartes, interrogações, protestos! S. Bento, puro. Um oficial tentava interromper o sr. Sinel de Cordes que dava explicações sobre assuntos da alta finança a um orador que o precedera.

—V. Ex.ª dava-me licença para uma interrupção?

E uma senhora que se achava perto:

—O' sr. oficial faz favor de não interromper que este senhor é ministro!...

Enternecedor!

* * *

Pois eu taxava os discursos, mesmo quando eles estivessem já taxados. Era uma especie de sobrecarga altamente moralizadora, e duas taxações não eram demais. Aquem quisesse botar espiche tantos escudos por cada dislate que dissesse, ou por cada tolice gramatical que expedisse dos labios; isto, já se não vê, alem da indispensavel licença para usar da palavra que se não daria a qualquer. No banquete da Curía é que se viu bem a falta que o parlamento está fazendo. Aquilo era uma válvula essencial. Fechada como está, estas explosões teem de dar-se fatalmente. Os vulcões não se tapam.

* * *

A propósito de oratoria e de oradores recordo-me sempre, salutarmente, do incidente passado numa reunião de médicos—num jantar do curso—em que estava o falecido dr. Almeida Evaristo. Chegados á altura dos brindes começaram a empurrar uns para os outros a honra de os iniciar.

—Fala tu.

—Não, não. Fulano é quem deve falar.

—O primeiro deve ser o mais velho.

Evaristo que era o mais idoso estremeceu, e balbuciou.

—Talvez o mais novo...

—Não, não. Fale o Evaristo. Fale o Evaristo!

Foi um instante solene. O falecido clinico empalideceu, tentou ainda resistir, mas ante as intimativas dos colegas viu que era tudo inutil.

Os beiços agitaram-se-lhe. Molhou-os no copo que lhe tremia na mão, e, emquanto os outros, aliviados do peso de encargos, se repoltreavam para o ouvir, exclamou tartamudeando:

—...Eu faço minhas as palavras do orador que se ha-de seguir...

Se na Curía tivesse havido um reflexo deste talento e deste espirito o almoço tinha-se honrado como merecia, os anais da Verborreia Nacional não se tinham engravidado de tanto palavriado inutil e eu tinha bebido tranquilamente o meu café a coberto da oratoria e dos oradores.

Figas para ela... e para êles.

MATOS SEQUEIRA

PREVIDENCIA

—O que fazem aq..i os meninos ha tanto tempo?
—A mamã disse que antes de atravessar a rua deixassemos passar os automoveis. Mas já aqui estamos ha uma hora e ainda não passou nenhum...

CONFERENCIA

—Ouvi agora uma conferencia admiravel...
Eu bebia as palavras do orador!...
—Ah! A conferencia tratava da questão vinicola, sem duvida...

Curiosidades

A ORIGEM DA PELE DE «CHAGRIN»

A pele de «chagrin», que começa a estar em voga, é feita da pele duma especie de tubarões que vivem, sobretudo, nos mares da China. Trabalhada segundo os processos modernos, pode tomar as mais variadas cores. A pele de «chagrin» foi utilisada pela primeira vez na antiga Persia. Os persas já sabiam, ha muitos seculos, prepara-la e enfeita-la com arabescos artisticos.

A PROFUNDIDADE DOS OCEANOS

Os oceanografos contam que se descobriu um ponto, a sudoeste do Japão, onde a sonda indica uma profundidade de 9947 metros. Sabe-se já ha muito que o Pacifico é o mais profundo de todos os oceanos. Em nenhum outro oceano se encontrou uma profundidade de 9000 metros, enquanto que no Grande Oceano já encontraram mais de dez ultrapassando essa medida.

No Atlantico só se conhecem dois locais com mais de 7300 metros de profundidade, sendo o local mais profundo (8503 metros) a nordeste de Haiti.

LUIS XVIII E AS COSTELETAS DE CARNEIRO

Luís XVIII está em moda, apezar de ter morrido ha cem anos. Como era grande gastrónomo—o que lhe originou a gôta, o edema e outras mazelas—, evocam-se algumas das suas preferencias culinarias. Luís XVIII apreciava as costeletas de carneiro, tenras e bem cosidas. Todos os dias tinha esse prato. O cosinheiro grelhava trinta e seis, juntas ás três e três. Quando as duas costeletas do lado de fora começavam a estar torradas, queria dizer que a do meio estava pronta. Apresentavam ao rei uma duzia, tôdas igualmente grelhadas e impregnadas do suco das outras. O soberano achava-as excelentes. Seriam ótimas para o seu gosto, mas eram terríveis para a sua gôta.

OS MANUSCRITOS E O TEMPO

Os papeis em que escrevemos são maus e as tintas ainda piores. O snr. Herzhey fez ha anos umas experiencias concludentes sobre o assunto. Com tira-linhas especiais, traçou, em papeis de muitas qualidades e com tintas diferentes, uns riscos cuja largura oscilava entre meio milimetro e dois milimetros e meio. Depois, esperou três anos. Findo esse tempo, verificou que, nas partes cobertas de tinta, o papel tornara-se tão fragil que não resistia á dobragem, rasgando-se. Depois destas experiencias tem-se estudado o fabrico duma tinta que não só seja inalteravel como tambem não tenha acção nociva sobre as fibras do papel.

A infância do nosso jornalismo

«*Este numero foi visado pela censura*», é o dístico mal humorado que serve agora de lema a todos os jornais. A Censura é hoje o ponto negro de todos os jornalistas. Muitas vezes não apeteceria ao redactor politico encher colunas e colunas de considerações sobre a situação do governo ou sobre o problema financeiro, mas agora, agora que não pode dizer tudo, agora que lhe põem mordaça, que lhe dão tinta só para escrever com conta, peso e medida, agora o mesmo redactor arde por dar largas á sua pena e anseia pelo instante libertador em que o jornal já não traga o dístico mal humorado... É um sentimento bem humano. Todos nós temos mais sêde quando falta a agua...

No entanto, talvez muitos dos jornalistas que tão justamente esbracejam contra a censura e falam, a tôrto e a direito, da liberdade de imprensa, ignorem que essa liberdade tem, além de todas as conhecidas razões para existir, o seguinte motivo para ser respeitada: a imprensa portuguesa nasceu com a propria liberdade de Portugal! Foi um ano certo depois da restauração de 1640 que apareceu a primeira folha periodica. E' uma coincidencia singular que logo depois de Portugal assegurar a sua independencia surgisse o primeiro jornal, isto é, que ao primeiro clamor de liberdade politica correspondesse o primeiro grito de liberdade espiritual. E' verdade que essa *Gazeta*, vinda a publico, pela primeira vez, em Dezembro de 1641 (—dez anos depois de aparecer em França o primeiro jornal, publicado sob a direcção de Theophraste Renaudot e sob a inspiração de Richelieu e do proprio rei) e mensalmente, pelo menos até 1647, só podia correr depois de vista e revista pela censura. A' falta de melhor, sirva isto de consolação aos visados periodicos de hoje.

O nosso primeiro jornal chamava-se *Gazeta*, como foi dito, e é rarissima, ou talvez nem mesmo exista, uma colecção completa das suas folhas mensais. Sabe-se que a primeira folha saiu em Dezembro de 1641 e havia quem possuisse uma, datada de Setembro de 1647, mas como essas folhas não eram numeradas, ignora-se se a *Gazeta* teve publicação regular ou foi algumas vezes interrompida. Dos impressores do periodico faziam parte Domingos Lopes Rosa e Lourenço de Anvers, que imprimiam só os primeiros números.

A' *Gazeta* sucedeu o *Mercurio Português*, por Antonio de Sousa Macedo, saindo tambem mensalmente, desde 1663 a 1667.

Ao *Mercurio* seguia-se a *Gazeta de Lisboa*, cuja publicação se iniciou a 10 de Agosto de 1715, sendo de notar que o primeiro numero não tem o titulo de *Gazeta*, mas o de *Noticias do estado do mundo*, titulo que não chamaremos modesto... No rosto dos volumes em que se juntava todo um ano da *Gazeta* punha-se ainda outro cabeçalho mais pomposo: *Historia annual, chronologica e politica do mundo*...

Tanto a *Gazeta* como o *Mercurio* sairam á luz principalmente para darem as noticias da nossa guerra da Independencia, mas, seguindo o exemplo das gazetas inglesas e francesas, foram pouco a pouco alargando o noticiario. O preço da *Gazeta* de 1641 andava á volta de 6 reis, e não era pior, se bem que fosse taxado—como o dos livros—, porque dependia do numero de folhas.

Segundo apurou o visconde de Jeromenha, o noso primeiro periodista ou *periodiqueiro*, como então se dizia, foi, com mais visos de certeza, um padre poeta, o presbitero Manuel de Galhegos, autor do poema *Gigantomachia* e literariamente muito bem cotado pela pureza da sua linguagem, grande imaginação e erudição. Ha no entanto quem regateie essa honra a Galhegos e reivindique para o jesuita Pedro Soares ou mesmo para o proprio rei D. João, que ditava ao seu secretário particular, Antonio de Cavide, varias noticias e as relações dos sucessos da guerra que lhe apetecia tornar publicas. A confirmar-se esta ultima asserção, sustentada pelo historiador da casa de Bragança, D. Antonio Caetano do Amaral, poder-se-hia dizer que, profissionalmente, os nossos jornalistas, por muito jacobinos e plebeus que sejam, descendem de estirpe regia...

A *Gazeta* de 1641 traz uma curiosissima relação do modo por que se celebrou em Lisboa o primeiro aniversario da restauração, falando da procissão (então efectuada pela primeira vez, e que depois se fez durante tantos anos) em que figurava o rei e que, sempre acompanhada pelo soberano, vinha á igreja do Carmo, como tributo de homenagem ao santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que ali estava sepultado.

E' curioso ainda acrescentar que nem a *Gazeta* nem o *Mercurio* publicavam ainda anuncios. O primeiro anuncio de que ha conhecimento encontra-se no numero 4 da *Gazeta de Lisboa*, publicado em 31 de Agosto de 1715. Por ter certo interesse, aí fica transcrito na integra:

«Faz-se aviso ás pessoas curiosas da lingua franceza haver chegado a esta «côrte, ha pouco tempo, um estrangeiro appellidado *De Ville neuve* (sic), francez «de nascimento, natural da cidade de Paris, o qual falla as linguas latina, alemã, «italiana, castelhana e portugueza; e tem um methodo muito facil para a ensinar, «em pouco tempo, a toda a sorte de pessoas, ainda as de cinco para seis annos; «as que quizerem servir-se de seu prestimo se podem encaminhar á casa de «Manuel Diniz, livreiro, na rua da Cordoaria Velha».

A publicação de anuncios tomou fraco incremento até 1850, sendo a *Revolução de Setembro* o primeiro jornal que conseguiu atrair mais os anunciantes. O *Astro da Lusitania*, importante jornal que se publicava em 1822, poucos anuncios contém, e até essa data os raros que saiam eram, na maior parte, de obras saidas á luz, de medicos e cirurgiões que ofereciam os seus elixires e serviços, de escravos fugidos e de objectos perdidos.

UM COSTUME POUCO INOFENSIVO

Quando a Corêa ficou sob o dominio do Japão, o seu imperador passou á categoria de principe. Foi com o nome de Principe Yi que o ultimo imperador, morto este ano, foi enterrado no dia 10 de Junho. Observaram-se todas as cerimonias tradicionais e as autoridades japonezas permitiram até que nelas figurasse a velha bandeira da Corêa. Segundo os velhos usos, tambem figuraram nos funerais e no cortejo, que foi de Seoul até ao túmulo do monarca, na encosta duma montanha distante oito milhas, uns oito grandes cavalos de madeira, que foram queimados junto do cadaver. Este uso tem origem na crença de que, assim, os verdadeiros cavalos do Imperador depressa o seguirão na morte e irão para o outro mundo, onde ele poderá querer utiliza-los. Antigamente, queimavam os proprios cavalos, com os seus tratadores e moços de cavalariça...

O CONGRESSO EUCARISTICO DE CHICAGO

Ha quatro anos que se preparava este congresso agora realizado e que apenas durou quatro dias. Nenhuma cerimonia religiosa jámais atingiu semelhante grandeza. No Congresso tomaram parte quinze cardeais, quinhentos arcebispos e bispos, e três mil padres. Os principes da Igreja foram magnificamente recebidos pelas autoridades americanas, que puzeram um comboio especial á sua disposição. Nas missas pontificais celebradas ao ar livre, no Campo dos Soldados, ouviram-se coros prodigiosos: quinze mil mulheres, entre as quais cinco mil religiosas, entoaram um côro; depois, trinta mil colegiais e sessenta mil crianças entoaram outros coros. Duzentas mil mulheres ouviram missa, dita pelo arcebispo Palica di Filipi.

No Stadium, o cardial Charost pronunciou um sermão perante uma multidão de trezentas mil pessoas. Microfones e *hauts-parleurs* permitiram á imensa assembléa não perder uma palavra do sermão.

Um simples pormenor provará a perfeita ordem da organização: o terreno fôra preparado de maneira a que nele pudessem estacionar oitenta mil automoveis.

O GÉNIO E AS CHAMAS

Um terrivel incendio destruiu o Teatro de Shakespeare, na cidade de Stratford-on-Avon, onde nasceu o imortal criador do Hamlet. O incendio assumiu horriveis proporções, mas, apezar disso, aconteceu que entre as ruinas e os destroços causados pelo fogo foi encontrada, absolutamente intacta, a estatua de William Shakespeare. Desta vez as chamas não foram cegas, recuando ante o sacrilégio de destruir a imagem dum dos maiores genios da humanidade.

comentarios

Entradas de 'Leão'

Em teatro, menos que em qualquer outra coisa, não se pode jogar nas repetições.

Da propria condição do «espctaculo» ha que tirar a ideia de «repetição». Aos maiores exitos, aos conjuntos mais completos, aos autores mais seguros, é exigida uma renovação completa e continua no seu trabalho.

Querem um exemplo?

No ano passado, Chaby interpretou no Politeama o «Leão da Estrela» da Parceria. Foi um exito monstro.

O que pensou o emprezario de então? Já sei. Para o ano encomendo uma nova peça á Parceria, contrato o Chaby e ganho no fim do verão outros duzentos contos. Era o raciocinio mais ingenuo, e que faria menos um emprezario do que qualquer pessoa alheia aos negocios complicados de bilheteira.

Este ano, mesmo que o «Arroz de quinze» fosse melhor e mais oportuno que o «Leão da Estrela», mesmo que Chaby fosse tão bem nesta como na outra peça, o sucesso seria secundario. Porquê? Porque era uma repetição flagrante. Porque a temporada não oferecia novidade; porque o conjunto scenico tinha o mesmo caracter do do ano anterior.

Que fazer então? Mas mil negocios novos havia, em que se podia pôr em foco, de novo, a graça da Parceria, enquadrada com aspectos novos. Suponhamos uma peça cujo principal papel feminino fosse entregue á Adelina—uma tão grande caracteristica—cercada de elementos de mocidade, com o proprio Chaby num papel de bom relevo comico e aproveitando esse curioso Alegrim, por exemplo.

Decerto, a companhia seria um pouco mais cara. Gastar-se-hiam numa montagem que oferecesse novidades alguns contos de reis; poder-se-hia mesmo arriscar, se se contasse com uma peça engraçada, mais alguns milhares de escudos para um reclame inteligente e fóra da banalidade comum.

Mas, no fim, tambem era possivel obter um sucesso que tudo indemnisasse—com mais probabilidades do que o «Arroz de quinze», embora cosinhado por quem melhor entre nós o poder fazer.

Estranhamos apenas que elementos experimentados como os auctores—de tão autentico merito—tenham ainda «caido» em escrever nas condições desastrosas em que o fizeram, e sobretudo sem procurarem defender, pela novidade, pela distancia dos tipos, pela originalidade dos enquadramentos scenicos, o «Arroz de quinze» do «Leão da Estrela».

Qual era o segredo do exito da Parceria?

Justamente a preocupação de renovar.

A «Perola Negra» não se parece nada com o «João Ratão», e este é bem diferente de o «Amigo de Penic'e» ou do «Conde Barão» ou ainda do «Poço do Bispo», a mais fraca das peças.

Procuremos conjuntos sempre novos dentro dos elementos comicos: eis muito!

Nada repetir: eis tudo!

palestras de café...

Revistas e Vaudevilles

A maioria dos portugueses têm duas grandes aspirações:

Primeira—Não fazer nada.

Segunda—Fazer uma revista.

Sugeriu me estas considerações uma conversa que tive com o meu velho amigo e compadre Anastacio Lopes, 3.º oficial do Ministerio da Agricultura, grande amador de teatro e aspirante a revisteiro, como toda a gente (1).

Encontrámo-nos no 2.º intervalo das *Três meninas nuas*, nos corredores do vistoso teatro da Rua da Trindade. O Anastacio estava revoltadissimo e exclamava irado:

—Parece impossivel que se ponham 3 meninas nuas num palco, com as tradições do Gymnasio, deste teatro moralista onde viram a luz da ribalta as comedias do Gervasio e do Schwalbach.

—Mas ó menino, retorqui eu para o socegar, olha que elas não são tão nuas como isso!

—Pois por isso mesmo é que eu me revolto!

Eu vim ao teatro para ver três meninas nuas e não para as ver unicamente de peito á vela e de perna ao léo. Para isso não tinha vindo ao teatro, tinha ido para a rua do Ouro. Era mais barato e mais variado, e lá ao menos as meninas mostram-se mas não cantam.

Ao ouvir estas palavras lembrei-me que o meu velho Anastacio me podia dar assunto para este artigo, passei-lhe o braço sobre o hombro e convidei-o a acompanhar-me ao Café Egipcio a tomar uma cerveja.

—Aonde, perguntou-me ele?

—Cá abaixo ao rez-do-chão do teatro.

—Aquilo não é egipcio, berrou o Anastacio n'uma gargalhada, aquilo é tudo quanto ha de mais imperio... Bem se vê que você não percebe nada destes estilos modernistas.

Entretanto tinhamos chegado ao bufete e tinha-mo-mos sentado em frente de duas cervejas tão geladas como um banco da Avenida em manhã de sol.

—Pelo visto, o meu caro Anastacio não está satisfeito com a representação?

—Estou e não estou... Não vê você que eu não comprehendo que um emprezario que é portuguez e escrivão mande escrever as peças a Paris.

—Escrivão?

—O quê? Você que é lá dos jornaes não sabia que o actual emprezario do Gymnasio era um grande escrivão? Foi até ele que escreveu aquela peça «Em Boa-Hora o diga».

—Ah! vive do teatro, perguntei eu.

—Não senhor... O teatro é que vive dos enganos do escrivão. Não vê o meu amigo que ele veiu para aqui enganado. Até lhe chamam o martir S. Sebastião d'Araujo.

—Por causa das setas?

—Por causa dos vales.

—Os vales do correio?

—Sim, aquele rapaz que faz o correio tambem mete alguns vales.

—Sabes uma coisa Anastacio. Estou admirado como tu andas a par com as coisas de teatro.

—Ah!... Já reparaste? exclamou Anastacio sorridente.

—E isso dura-te ha muito tempo?

—Dura-me ha cinco anos, desde que comecei a escrever a minha revista.

—Ha cinco anos?

—E' verdade. Não vês tu que com esta historia das parcerias é muito dificil meter uma peça no teatro... Depois esta demora tem-me causado enormes prejuizos. A maior parte das ideias tem-me sido roubadas pelos francezes. O Maria Victoria não me leva a peça e o Casino de Paris não me paga direitos.

—Talvez a tua revista esteja antiquada, disse eu para o consolar das suas infelicidades de auctor.

—Qual antiquada! E' o mais moderna possivel. Sabes quem inventou o Nu no teatro? Fui eu. E agora aparecem as *3 meninas nuas* e zás lá tenho eu que pôr as coristas de calças.

—De calças?!... Mas o que tem que ver o nu com as calças?

—Tem tudo... Mas não faz mal... Estes roubaram-me a ideia do nu... Pois eu vou mais longe... Vou ampliar a minha revista com um quadro novo que se intitula *Anatomia patologica* e as coristas aparecem mais do que nuas...

—Mais do que nuas berrei assustado?

—Sim senhor... Tem de entrar em scena sem pele.

—Mas isso não é uma revista... E' uma peça de Guignol.

—Será... Eu geralmente faço estas coisas sem me sentir... Agora vou apresentar os homens nus.

—Nus... Isso é impossivel.

—Nos trages da edade da pedra.

Então levantei-me, coloquei a mão protectora sobre o hombro do Anastacio e aconselhei-o.

—E' melhor tirares isso da idade da pedra.

—Mas porquê?

—Porque podes ser corrido á batata.

A campainha deu o signal de recolher aos fauteuils e nós encaminhamo-nos para a platea na esperança de ver naquele acto as tres meninas completamente nuas.

L. F.

(1) COMO TODA A GENTE, tanto se refere ao empregado publico, como ao amador de teatro, como ainda ao aspirante de revisteiro.

Gymnasio — «As Tres Meninas Nuas» grande sucesso.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — «O Arroz de Quinze». Enoame sucesso.

Nacional — Companhia Stichini-Azevedo. A peça de grande sucesso «Os Filhos».

Trindade — Companhia Lucilia Simões-Erico Braga «O Patriota» e «Pomada Amor». Grande sucesso.

Apolo — «A Casa da Susana».

Variedades — A revista de grande sucesso «O Pó d'Arroz».

Coliseu — Grande campeonato de luta greco-romana.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A irresistivel tentação das perolas

Pagina cheia de emoção e de interesse, do nosso concurso de novelas, e onde se conta com belo relevo literario a sensação psicologica dum roubo.

O creado, solicito, afastava as cadeiras de verga da esplanada. Yvone e João assentaram-se. Era a hora do repouso da tarde, em que os olhos se quedavam em contemplação.

Num grupo ao lado, em contraste com os que só contemplavam, parecendo querer fixar na retina toda aquela luz, um grupo de espanholitas, ainda muito jovens, riam e chilreavam. Dos salões de jogo do casino, de portas escancaradas sobre a esplanada, escondidos á vista por simples biombos, chegavam constantemente tilintares metalicos das fichas puxadas pelas raquetes dos «croupiers». João acendia maquinalmente um cigarro e pedia dois cafés. Em espiraes o fumo subia lentamente naquela tarde quente e sem viração. Yvone, embebida na contemplação do que via, olhando sem vêr, não se atrevia a romper o silencio acabrunhante que os envolvia. Parecia seguir um ponto muito distante, lá muito ao longe, perdido no horizonte.

. . . .

—Detestavel este café . . .

—Não achei, frio talvez, mas . . . com este calor . . .

—Sempre em desacordo . . .

—Mas não, João, não pensava em te contrariar, é que realmente não concebo café frio, bem o sabes.

—Que «panache» o daquele vapor, repara, parece o fundo deste grande scenario. Dir-se-hia que não se desloca, e é tão pequenino . . . Que lindo brinquedo . . . Lembrar-se a gente que aquele «bibelot» transporta centenas, se não milhares de individuos . . . E que de ambições . . . Que de ambições . . . Sabes? . . . Vou jogar.

—Vaes jogar . . : Que irrisão, que sarcasmo . . . Jogar . . . Perderes o pouco que nos resta . . . E depois, sim, depois, que faremos ?

—Mas Yvone, exageras, lembra-te que o diabo não é tão feio como o pintam. Ainda temos algum dinheiro e . . .

—Não digas mais, e . . . podes ganhar. Ganhar o ceu talvez, mas só eu, que assisto a esta ruina lenta mas segura.

—Bom, decididamente estás hoje no periodo agudo; vês tudo negro.

—E por isso ?

—E por isso eu vou ao . . .

—Tu vaes ao encarnado e preto.

—Exacto . . . Lá vem madame Garcia. Que enorme massada; felizmente já estou de pé, terei só o trabalho de a cumprimentar. Sempre exuberante . . .

—Diz antes pretenciosa.

—Talvez, mas é ainda uma linda mulher . . .

. . . .

A'quela hora do dia as salas de jogo estavam pouco concorridas; só as roletas trabalhavam incessantemente, tendo mais concorrencia que habitualmente.

João jogou numa esperança doentia de ganhar. Aos primeiros golpes perdeu; depois pouco a pouco recuperou o perdido e começou a ganhar, amontoando assim algumas centenas de escudos. Trocou as fichas e ficou-se a contemplar o jogo. O dinheiro que ganhara, que insignificancia . . . para nada lhe serviria. Cada vez via mais embaraçosa a sua situação, creada tristemente pela necessidade que sentia em jogar. Jogar . . . E para quê? . . .

Via-se, estava arruinado e cheio de dividas. Todos que ali estavam conheciam a sua já celebre odisseia, dissipando grandas quantias em quarenta dias que levava de estada naquela praia. Sentia um grande remorso e uma an-

Só as roletas trabalhavam incessantemente..

sia enorme de regeneração. Trabalharia e em qualquer terra africana refaria em poucos anos a sua vida. Mas Yvone, quem a convenceria a acompanha-lo? . . . Como satisfazer as suas crescentes exigencias? . . . As custosas toilettes, que o seu feitio autoritario, «mesclé» de «blagueur», exigia, num disfarce de coquetismo, que era a sua razão de ser... E Yvone?... E Yvone?...

O jogo continuava ininterrupto, numa sucessão de numeros atirados cadenciadamente pelo «croupier»: 36 encarnado. A bola girava de novo, de novo os jogadores se debruçavam sobre os pequenos rectangulos do pano verde, cobrindo-os de fichas, que a raquete poucos segundos depois arrastava, confundindo o seu som metalico com a gralhada do terraço e o sussurro da praia.

. . . .

—Já de volta?.. Que curta ausencia... E eu que me tinha apoderado da sua cadeira . . . Vae perdoar-me, não é verdade? . . .

E madame Garcia sorria, sorria adoravelmente. João desculpava-se, não fôra jogar, fôra vêr a concorrencia, muita gente naquela tarde. Buscava agora uma das cadeiras do lado e instalava-se junto das duas senhoras.

—Quando partem? . . .

—Talvez na proxima semana—elucidou Yvone. A vida no hotel tinha vantagens, despreocupações de espirito, mas . . . tornava-se fastidiosa.

João quedara-se pensativo, seguindo vagamente o movimento da bahia e olhando distraidamente para os grupos que o rodeavam.

Yvone compunha a sua peliça e aconchegava-se num gesto de friorenta. O relogio do casino deu sete horas. Madame Garcia consultava o seu relogio de pulseira e numa despedida participou que se retirava.

—Ficam? . . .

– Acompanhamo-la, minha senhora, respondeu João.

. . . .

No hotel eram visinhos de quarto e companheiros de mesa. Madame Garcia, uma viuva nova e bastante formosa, possuia uma grande fortuna, tendo vastas propriedades no Alentejo, donde era natural. Tinha a preocupação exagerada da sua pessoa, exibindo todos os dias novas joias, que poucas vezes repetia. João chamava-lhe a joalharia ambulante e pasmava como pudesse

Sobre a carpete rolou um colar.

sem sobressalto trazer sobre si tantos valores. De resto, repetia a Yvone, tentando conforma-la, para que empregar tão grandes quantias em joias? «Vê lá que diferença ha entre o teu colar de pedras falsas e o seu de dezenas de contos?» . . .

A' porta do quarto despediram-se num «até já» amavel. Yvone, cheia de nervos, deixou-se cair sobre uma cadeira, e num grande desabafo, muito tremula, declarou que não continuaria ali, era necessario sairem, voltarem para Lisboa. A sua miseria dourada instalada ao pé daquela felicidade reluzente de joias irritava-a, amesquinhava-a; não, não podia mais, sairiam no dia imediato. As palavras acorriam-lhe em turbilhão. Agora eram as recriminações. Todas as suas amigas casaram com homens bem colocados. E ela? . . . Que horror, um advogado sem clientes, gastando o pouco que possuia ao jogo . . .

—Exageras, esperemos mais uns dias e antes do fim do mez devem-me enviar o dinheiro suficiente para sairmos desta situação.

Yvone não respondia, chorando nervosamente.

—Vamos, Yvone, precisas de te arranjar . . . Socega . . . Vamos, socega . . .

. . . .

João sairia primeiro do quarto, deixa-la-hia sósinha, acalmando os nervos. Esperaria no salão. Madame Garcia, já com outra toillette fazia uma roda de amigos. A joalharia mudara de exposição, já não trazia perolas; agora eram brilhantes.

Sósinha, Yvone conservou-se ainda naquela posição de acabrunhamento durante algum tempo. Numa maquilagem de todas as horas, tomou a caixa de pó de arroz; ficaria melhor, mais fresca . . . Oh . . . Mas aquela janela . . . Correu a fecha-la. A mão embaraçou-se no store, num movimento rapido tentou empurrar o fecho, a caixa desequilibrou-se e, caindo, espalhou o seu conteudo pelo chão. Nada ficara, o vento completára a obra de destruição espalhando o pó.

Lembrou-se de madame Garcia; porque não bater á sua porta? . . .

Era tão natural . . . De resto, ainda estava vestida, não seria reparado.

—Madame Garcia... Madame Garcia...

Não responderam. Já teria ido para baixo? . . . Não era possivel.

E se estivesse doente?... Uma dôr, talvez... Talvez... E automaticamente foi entrando. Tudo muito arranjado... Sim, senhora... Muito em termos, madame Garcia... O toilette muito arrumado. Yvone empalideceu e teve um sobressalto, que a fez córar profundamente.

Sobre o marmore imaculado do movel um estojo com o colar. Que lindo era . . . E realmente muito parecido . . . Sempre queria ver como ficaria o seu pobre colar naquele encaixe de veludo azul claro . . .

Rapidamente, num movimento gracioso, lançou as suas delicadas mãos ao pescoço, e com o colar já aberto numa das mãos, procurava com a outra tirar o verdadeiro do estojo. Tão simples... E eram realmente duma flagrante semelhança! . . . Mas aquele, o que tinha na mão . . . como ela o desejaria possuir!!! . . .

Mas . . . estava louca, completamente louca . . . Se viesse alguem? Não devia

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Sorte grande... por pouca sorte

Pagina de curiosa inventiva onde se põe como principal autor o acaso

APESAR do seu azar ao jogo, Alberto não desistia nunca de jogar. A loteria era uma tentação. Todas as semanas fazia protestos de não reincidir. Mas se durante os primeiros dias conseguia manter intacta a primitiva coragem, quando chegava ao dia proprio, ás vezes ao proprio momento da extracção, todos os compromissos caiam pela base, toda a força de vontade desaparecia.

Porem a sorte, como que para o desiludir, falhava sempre. Nem os menores premios, aqueles premios do mesmo dinheiro, que são afinal uma restituição, como que um gesto amigo da sorte aconselhando-nos a desistir, ele tivera nunca. E apesar disso teimava sempre. Mas tão constantes despezas eram incompativeis com a exiguidade dos seus minguados orçamentos.

Por isso a sua ambição maior, a sua maior aspiração, seria tentar a fortuna, sem mesquinhas preocupações, sem ter de hesitar, sem pensar duas veses, antes de tomar a grave decisão duma despesa. Então sim; de tal forma havia de teimar que por fim a sorte se veria forçada a contempla-lo.

Foi portanto uma alegria quando lhe propuzeram aquele emprego em que alem doutros teria precisamente o agradavel encargo de comprar os bilhetes de loteria destinados a fornecer o premio dos numerosos fregueses da casa. Exultou. Apesar de lhe terem oferecido uma remuneração muito inferior á que auferia, aceitou logo, tentado pelas sensações de grandesa e pela satisfação completa do seu vicio, que o novo emprego lhe oferecia. Ia assim ter a impressão de que era ele que jogava. Como estava habituado ao asar constante e tinha por isso a intima convicção de que a sorte grande — que sempre tivera por ele a mais completa indiferença — é uma coisa que nunca sai, o efeito, a sensação que lhe daria o facto de ser detentor dos bilhetes eram perfeitamente eguais aos que teria se fosse de facto o seu legitimo possuidor. Não hesitou, portanto.

Aceitou o emprego e logo na primeira semana foi com uma alegria quasi infantil que desempenhou a parte das suas funções que lhe era mais agradavel, — a compra do bilhete.

Demorou a escolha, mediu as probabilidades e por fim, decidido, comprou um numero alto e regressou a casa plenamente satisfeito e tão feliz como se estivesse ele proprio habilitado á sorte grande.

As suas funções no seu novo emprego eram variadas. Isolado num dos armazens do estabelecimento, tinha a seu cargo a escrita da casa e devia alem disso comprar no principio de cada semana um bilhete de loteria e comunicar logo o respectivo numero, a fim de se imprimirem com ele as senhas que seriam distribuidas como bonus a todos os fregueses.

Era uma forma engenhosa adoptada pela casa, que assim tinha conseguido atrair uma enorme clientela.

Em todas as vendas de certo preço era oferecido um bonus, com o numero do bilhete comprado.

E se no fim da semana o primeiro premio da loteria coincidisse com aquele numero, todos os freguezes tinham direito a uma avultada quantia. E' claro que o numero das senhas a distribuir era calculado de forma a que o quantitativo de todas não excedesse

E nos dias da extracção, ao contemplar o bilhete que não fôra premiado, ficava desgostoso.

o montante do premio que o bilhete garantia.

E assim o estabelecimento, a troco dessa pequena despesa, estava sempre cheio de freguezes, atraidos pela tentadora probabilidade e no caso de sairem premiados os seus bonus, não dispendia um real, porque lá estava o bilhete a garantir essa despesa.

Alberto sentia-se portanto plenamente feliz e acabou por fim por ter a impressão de que os numeros da loteria eram comprados com o seu dinheiro e não com o que a casa lhe remetia para esse efeito. Nos dias da extracção, ao contemplar o bilhete que não fôra premiado, sentia um desgosto tão profundo, como se o prejuizo fosse seu.

Mas a constante indiferença da sorte acabou tambem por crear nele uma permanente revolta, uma grande indignação e um dia, saturado já de tanta desilusão, quando da tipografia lhe perguntaram o numero do bilhete da semana, como ainda o não tivesse comprado, respondeu, apesar disso, maquinalmente, o primeiro numero que lhe veiu á mente: o 3195.

Depois ficou absorto, num grande abatimento, numa inconsciencia do que fizera. Ainda esboçou um gesto de ligar novamente para a oficina, mas ficou indeciso, pensativo.

E se não encontrasse agora aquele numero dito ao acaso, inconscientemente? Tinha sido na verdade leviano, precipitado. Arrependido já daquele gesto, poz o chapeu e saiu. Mas inutilmente procurou durante o dia o numero fatidico que a sua boca proferira numa irreflectida e extranha decisão.

Na manhã seguinte, depois duma noite agitada, já sinceramente arrependido, ligou para a tipografia e perguntou a medo se já tinham começado a imprimir as senhas. Responderam-lhe

...e entrega-se ao trabalho de pagar senhas no quarto dum manicomio.

naturalmente que já estavam prontas e tinham começado a distribuir-se. Sentiu um calafrio. E agora?

Pensou então na longa serie de fracassos, de desenganos e desilusões, que durante longos anos o azar lhe tinha dado, e por fim, mais calmo, considerou que a sua preocupação não tinha grande fundamento.

Era certo, era fatal que novamente a sorte falharia, e desta vez; ao menos, ganhava alguma coisa. Ganhava o que deixava de perder, ou melhor o que a casa deixava de gastar. E não pensou mais no caso.

Vinha-lhe é certo ainda de vez em quando um vago receio, mas a longa série das derrotas sofridas, aquela extensa lista do azar sempre constante tranquilisava-o.

Mas o dia da extracção chegou e Alberto, ao abrir o cofre e ao lembrar-se que não tinha lá, como devia, o numero indicado nas senhas da semana, sentiu um frio enorme percorrer-lhe a espinha. Olhou o relogio e viu que passava das 3 horas. Saiu. Caminhou nervosamente, procurando em toda a parte qualquer indicação que o tranquilisasse, mas de repente estacou petrificado. Na montra duma tabacaria, um letreiro de côres vivas, tão vivas e tão brilhantes que lhe fizeram fechar os olhos e cambalear, dizia tragicamente:

«Sorte grande vendida nesta casa»
3195

* * *

A sua razão não resistiu a tão grande ironia da sorte e hoje entrega-se ao extenuante trabalho de pagar inumeras, interminaveis, imaginarias senhas, no quarto soturno, acanhado e triste dum manicomio.

AUGUSTO CUNHA

"UMA NOVELA DA MINHA VIDA"

O *Domingo ilustrado* acaba de convidar muitas das maiores personalidades literarias e artisticas de Portugal para escreverem pequenas novelas, que ocupem uma pagina do nosso jornal.

Toda a gente tem tido na sua vida um caso alegre, dramatico, pitoresco, que nos possa relatar.

Na forma de novelas-relâmpago, que se lêm dum trago, que deram uma viagem de electrico, e que não nos obrigam a perder muito tempo, o *Domingo* as irá referir, subscritando esses pequenos trechos literarios as mais importantes individualidades. As adesões á nossa ideia são já numerosissimas, e dos melhores nomes.

Brevemente começaremos já a inserir as primeiras novelas, que terão assim um caracter auto-biografico cheio de interesse e completamente inedito.

BREVEMENTE EM O DOMINGO

"UMA NOVELA DA MINHA VIDA"

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 2 — 2.ª SERIE	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES *ORDIGUES* (Da T. E.)	1 AGOSTO 1926

Apuramento do n.º 10 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BAGULHO

N.º 2 — 5 votos

N.º 1, de JAMENGAL . . . . 2 votos
» 4, de D. SIMPATICO . . . . 2 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

MAMEGO, D. GALENO (T. E.), MARIANITA

Com 11 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

HENRICO (8), AULEDO, OÇALOC, JAMENGAL (7), VIRIATO SIMÕES (6), LORD DÁ NOZES (5),

OUTROS DECIFRADORES

D. SIMPATICO (4), VISCONDE DA RELVA (3), MIEL (2), BAGULHO, KURITSA (1).

DECIFRAÇÕES

1—*limite*, 2—*parche*, 3—transcolar, 4—*torcicolo*, 5—montano, 6—amissão, 7 molaquino, 8—suscitar, 9—perluxo, 10—sobremaneira, 11—manubrio.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 11 de REI DO ORCO, com 3 decifradores.

DEDICATORIAS

BAGULHO, KURITSA e AULEDO decifraram o que lhes era dedicado.

LOGOGRIFO

(Ao Dr. da Mula Ruça *agradecendo a sua* Severo*)*

1

Senhor Doutor eis-nos prontos
para convosco lutar:
íamos ficando tontos
com seu trabalho invulgar.

Estava urdida a «Severo»,
com tal *dissimulação*, - 4 - 10 - 4—9 - 5
que um de nós com desespero
disse até:—Que confusão:

Mas caiu; e d'ora avante
tem do's amigos á *perna*;—1—5 - 3—4—2
se quizer ficar ovante
recorra á casa paterna.

Nós não queremos fazer
de pessoas *presumidas*,- 10—1—3—10—1
se este morto quere vêr
tem de passar muitas lidas.

E para provar que so nos
pessoas muito *sinceras*,—8—7—1—2—1
se este matar nós diremos
que foi *bamburrio* deveras.

Lisboa — LORD DÁ NOZES e CAMARÃO

CHARADAS EM VERSO

(A todos os colaboradores e decifradores do Moinho*)*

2

Dão licença, camaradas?
—Eu posso tambem entrar
nestas lides de charadas
para as fazer e matar?

A *origem* de querer—2
tambem entrar no «Moinho»,
foi tão sómente por vêr
a porta no meu caminho,

que me arrisquei a bater
com o desejo de entrar.
Se o não pudesse fazer
teria um grande pesar.—1

—Posso entrar pois no «Moinho»?
Diga, senhor director.
—Haverá lá um cantinho,
para o que desta é *autor?*

Castelo Branco — MANÉ BEIRÃO

(A' ilustre confreira Dama Negra *agradecendo pela minha parte, a sua* Resistidor)

3

Pela parte que me toca
e deveras penhorado,
Eu acho que é cousa pouca
um muitissimo obrigado,

Sincero é e tão ardente,
que creio bem vos *seduz!*—2
Só uma alma mui descrente
ou *triste*, é que o não traduz.—2

Mas «Dama Negra» afinal
é mulher, é um primor;
grande *defeito moral*
é não beijar, seu amor!

Lisboa — D. GALELO (T. E.)

(A Ordisi, agradecendo a sua Economo*)*

4

O «Ordisi» quiz então
dar que fazer ao «Rei-Vax?...
Quiz ««huchar» com o rapaz?
Ora o grande maganão...

Deu-me trabalho a «matar»,
perdi bem um dia inteiro:
isso fez-me arreliar,
porque emfim, tempo é *dinheiro*.—2

Um favôr lhe vou pedir:—1
—*Hypocrita* não me creia
Não me faça mais charadas.
Esgotou-se em mim a veia...
Já estou velho p'ra maçadas ..

Lisboa — REI-VAX

CHARADAS EM FRASE

(Ao ilustre confrade Viriato Simões)

5 Dei-lhe uma *repreensão*, por ter *pena* de o vêr *embriagado*...—2—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

6 Todo aquele que só *pretende curar com rezas e bençãos* qualquer «*mal*», não passa de *curandeiro*.—3—1

Lisboa — MARIANITA

7 A perfidia, aliada á falta de *sinceridade*, formam o apanagio de «*homem*» *traiçoeiro*.—1—2

Lisboa — BAGULHO

8 Não *satisfaz*, a gente do *poder*, porque o seu trabalho não é *perfeito*. -2—1.

Lisboa — JAMENGAL

9 Um *tolo*, (pois é caso «*corrente*») nada faz em negócios de *administração*.—2—2

Lisboa — AULEDO

10 O pescador to:ca «*nota*» do *peixe* que traz no *barco*.—1—2

Lisboa — ADALBERCO BÊCO

11 O *rei de Troia* e o *neto de Dardano*, vivem numa *ilha das Filipinas*.—2—2

Lisboa — D. SIM 'ATICO (T. E.)

12 Dizem que foi posta a *descoberto* por uma «*mulher*» a *sciencia das moedas e medalhas*.—1—3

Porto — REI DO ORCO

13 Todo o «*porco*» tem *cuidado* com o seu *alimento!*—1—2

Lisbôa — CALTAR

PALAVRAS CRUZADAS — o passatempo da moda

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, Espirita, Nónó, Nós, Spartanus.

DECIFRAÇÕES DO N.º 79

HORISONTAIS.—1, santificada, 2 aulico, 3 Corina, 4 laudabilidade, 5 brio, 6 irar, 7 adar, 8 lido, 9 Ramos, 10 deãos, 11 só, 12 az, 13 argo-, 14 rajah, 15 Deus, 16 sobe, 17 usa, 18 nar, 19 ran, 20 iça, 21 actinogenicos, 22 aeromancias.

VERTICAIS.—1 suarda, 2 albardadura, 10 dar, 23 aluiam, 24 nidorosos, 25 tca, 26 iobc, 27 icia, 28 coi, 29 ardilezas, 30 diaria, 31 andado, 32 aerospheras, 33 sós, 34 ma, 35 resaca, 36 guante, 37 jonica, 38 abacos, 39 Olga, 40 ir, 41 nó, 42 om, 43 en, 44 nc, 45 ii.

PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos ilustres colaboradôres, «Dois Principiantes».

HORISONTAIS.—1 cacetada, 7 nome de mulher, 13 contaminar, 14 sem duvida, 15 arma indiana, 16 nome d'homem, 18 outra coisa, 19 gritos aflictivos, 20 duas letras de róda, 21 pron. pessoal (m.), 23 retumba, 24 tres letras de agora, 25 querer b m, 28 brazões, 30 anagrama de deva, 31 grande quantidade, 33 anagrama de lôa, 34 regressar, 35 elemento, 37 moeda de prata da India inglesa, 39 escarnecia, 40 carta de jogar, 41 jogo de rapazes, 42 criminoso, 43 oferece, 44 planicie á beira dum rio, 46 moeda de Macau, 48 aparencia, 50 aneis de ouro, 51 apologia, 53 arvore silvestre do Brazil, 55 acaricía, 57 protestar, 59 peixe, 61 Sáfa!, 62 tres letras de pilula, 63 maior, 65 nota de musica, 66 grande porção, 67 ruim, 68 desfraldar, 71 presa, 73 zombava, 75 planta papilionácia, 76 pessôa importuna, 77 traiçoeiro.

VERTICAIS.—1 ofensa, 2 anagrama de miuda, 3 fruto, 4 patria, 5 habilidade, 6 carta de jogar, 7 duas consoantes iguais, 8 planta vulgar, 9 retorquir, 10 abater, 11 militar nobre entre os indios do Malabar, 12 certamente, 17 pron. pessoal (fm.), 18 ditongo proprio da lingua portuguesa (pl.), 22 epoca, 23 discrição, 26 similhança, 27 mofava, 29 tritura, 30 caminho, 32 impulsos, 34 desamparada, 36 caminho, 38 anagrama de lia, 39 criminosa, 40 fileira, 43 povo da Africa austral, 44 mensageiro, 45 grande abundancia, 47 casa de indigenas, 49 contemplar, 50 afastar para o mar largo, 51 mez, 52 três letras de arame, 54 duas letras de ala, 56 proprio de individou inculto, (adj.), 57 fruto, 58 lista, 60 acostumado, 62 atracção, 64 jogo de rapazes, 69 anagrama de ira, 70 três letras de gôrda, 72 dize, 73 batraquio, 74 duas letras de atroz.

CORREIO

NÓNÓ—Recebi muito obrigado.

NÓS.—E' com todo o prazer, que conto VV. Ex.as no numero dos colaboradores deste interessante passatempo.

CORREIO

MENINA XÓ.—V. Ex.a de ha muito que não nos dá o prazer de receber a sua valiosa colaboração. MATASIL, D. SOLIDÃO, ZÉQUITOLIS, LHALMA, D. K. K. TIO, TROUPE CARLEI, SANCHO PANCHA. —V. Ex.as, idem, idem.

LORD DÁ NOZES, AFRICACO.—Recebi muito obrigado.

REI DO ORCO.—Recebi, muito obrigado. E decifrações?

MANÉ BEIRÃO.—Recebi, muito obrigado. E' favor mandar a sua direcção para lhe escrever.

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq. Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, sem distinção, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam *a votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

A IRRESISTIVEL TENTAÇÃO DAS PEROLAS

(Continuação da pagina 6)

ter entrado e muito menos feito a comparação, substituindo os colares... E já rapidamente ia «pôr as coisas no seu logar», quando num grande sobressalto se dirigiu para a porta. Dum salto abriu-a, encontrando-se no corredor. Se a tivessem visto?... Parecia-lhe mesmo ter ouvido passos, tinha-os bem gravados nos ouvidos... Que horror... Se a tivessem visto... Deu a volta á fechadura do seu quarto, deixando cair ao longo do corpo, como um automato, rigidos, imobilisados, os seus lindos braços. Sobre a carpete rolou um colar. O seu?!!... Recuava com os olhos esgasiados num movimento de inconsciencia. O seu colar?... Não... Ode madame Garcia, que não tivera tempo para o pôr de novo no seu logar. Como justificar-se? Estava perdida. Ela, uma ladra!... Quedou-se aniquilada, enterrada num maple. De repente tomou uma resolução. Ao alcance da mão o colar verdadeiro, com as suas perolas muito certas, num desafio sarcastico. Escondel-o-hia... os estofos do maple prestavam-se. E... quanto ao seu, diria que o tinha perdido...

. . . .

Quando Yvone desceu, o jazz-band enchia com a sua musica estrepitosa a escadaria do hotel, numa ruidosa alegria. Nos salões de espera já não estava ninguem, começavam a jantar.

Madame Garcia e João, já instalados á sua «petite table», aguardavam Yvone, extranhando a demora. «Está doente minha querida amiga? Acho-a tão desmaiada!... Porque não poz um pouco de pó de arroz?...»

«Mas não, madame Garcia, nunca estive tão bem, pela manhã é que tive umas tonturas... Não sei... talvez isso»... E sorria.

. . . .

A' noite voltaram ao casino; havia concerto. João não jogou e já na volta extranhou, perguntando:

—O teu colar?

—Olha!... perdi-o!... Que pena!... Que pena!... Mas deixa-lo, era falso.

. . . .

No dia seguinte, antes das oito horas da manhã, alguem batia á porta do quarto:

—Que quere? E' você, Beatriz?

—Sim, meu senhor, se pudesse abrir...

—Espera um pouco, rapariga.

E João, de pijama e chinelos, foi abrir. Yvone ficara deitada. Um cavalheiro muito cortez acompanhava a creadita.

Explicou:—Sou policia de investigação. Trata-se duma busca. V. Ex.ª desculpará. Mas o serviço tem que se fazer assim. A uma senhora do hotel desapareceu um colar valiosissimo, de modo que feita telefonicamente a queixa, esta madrugada, começamos hoje as investigações, para abreviar... se não liquidar este caso.

João achou inoportuna a ocasião, mas concordou que o caso se resolvesse o mais rapidamente possivel. Contudo, a hora matutina... sua mulher deitada... Aquele alvoroço do quarto...

—Esteja V. Ex.ª tranquilo que não tocarei na cama—e começava revolvendo os moveis. Passou ás sanefas, nada... Era ingrata a sua profissão, esclarecia, mas alguem havia de fazer aquele serviço. Restava o maple, meteu as mãos pelos intervalos dos estofos, apalpou as molas, metendo as mãos pelo fundo, e já as retirava quando alguma coisa de ondeante e pesado caia no chão.

. . . .

Na cama houve um pequeno estremecimento, como uma convulsão. O agente, de costas, apanhando o colar, não dera pelo que se passara. João compreendera tudo, tudo.

—E então, senhor agente?

—Então o senhor acompanha-me. A não ser...

—A não ser o quê?...

—Que não fosse o senhor...

—Mas... exactamente... exactamente... sim... Fui eu... fui eu que roubei o colar...

. . . .

Na prisão, Yvone, arrepanhada como um farrapo, implorava o perdão do marido. Iria com ele para a Africa, já não era a mesma. Madame Garcia desistira da queixa. Ainda podiam ser felizes, felizes para que ele lhe perdoasse.

UM HOMEM SEM IMPORTANCIA

SPORT

Ao longo da muralha da Junqueira teve logar no passado domingo o campeonato Nacional de Remo, ou seja a prova mais importante de remos que se realiza em Portugal.

Em terra apenas duas dezenas de espectadores. Já não apareceram aqueles «furiosos» que noutros tempos iam esperar a distancia as tripulações e que as acompanhavam numa correria gritando pela tripulação favorita. No mar o rebocador «America» conduzia os socios do Club Naval de Lisboa, e mais além o barco do juri.

Muito depois da hora marcada o juri deu a largada, tendo apenas alinhado a tripulação do Club Naval Setubalense (terra) e o Club Naval de Lisboa (mar).

O Sport Club do Porto, que se havia inscrito, faltou.

Momentos depois da largada o Setubalense começa a «guinar» para o mar, talvez em busca... de melhores aguas, mas o timoneiro do Naval, vendo que este se aproxima da sua embarcação, e prevendo um abalroamento, fugiu-lhe, aproando para o sul.

Aos quinhentos metros já a equipe de Lisboa levava mais de 1/2 comprimento de avanço sobre a de Setubal, mas esta continua a inclinar-se para o barco do Club Naval de Lisboa, até que se deu o choque das duas embarcações.

Pararam; o juri seguia a distancia, porque o seu barco tinha pouco andamento. Desensarilhados os remos, a tripulação do Naval de Lisboa arranca numa remada mais segura e certa. Setubal fica, no barco do juri o arbitro gesticula, dando-nos a impressão que manda parar, mas o Naval não vê, e atinge a meta aos 7, 17 3/5.

Terminada a prova, o juri reuniu e ao cabo de 4 horas proclama vencedor o Club Naval de Lisboa.

Consta que o C. N. S. protestou.

I LISBOA-PORTO EM WATER-POLO

A selecção de Lisboa vence a do Porto por 8 a 0

Perante uma numerosa assistencia realizou-se, conforme estava marcado, o I Lisboa-Porto em water-polo.

Foi uma bela tarde aquela que a Delegação de Lisboa da L. P. A. N. nos proporcionou no domingo, passado na doca de Belem.

O sete lisboeta triunfou, e bem, sem recorrer a violencias, impondo um jogo correcto e por vezes brilhante.

O Porto foi vencido, e por um grande «score», mas nem por isso deixou de jogar com nobreza, pelo que conseguiu captar as simpatias do publico.

O team lisbonense demonstrou ter mais conhecimentos de water-polo do que o grupo tripeiro; tem sobre ele um grande dominio de bola, e todos com uma bolada muito rija. O trio avançado do Porto, embora fosse veloz, pouco fez, mas estiveram sempre bem marcados.

O jogo foi muito movimentado e jogado com energia notando-se a meio da 2.ª parte que a equipe do Norte estava a enfraquecer.

O grupo do Porto era constituido por elementos que como nadadores têm grande valor, por serem rapidos, e se se dedicarem mais ao water-polo (manejo de bola) conseguirão, por certo, em futuros encontros, melhores resultados.

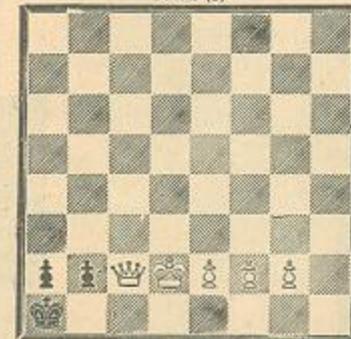
Os melhores jogadores de Lisboa foram incontestavelmente Bazilio e Bessone, e do Porto Canto Moniz e Sequeira.

MITO

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 15 o

PROBLEMA N.º 80

Por S. R. Barret

Pretas (3)

(Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em doze lances. (12)

UM CONTO DE FADAS

Narram as cronicas do velho reino de Caissa que, em temaos que já já vão, uma pobre rainha branca muito amiga do seu real esposo, passava vida atribulada por causa dum velho rei negro que a perseguia com galanteios, ameaçondo-a de lhe dar cabo do marido, se lhe não cedesse conforme ele deesjava. Decidiu-se um dia a misera a pôr termo á existencia, e, saindo dos seus aposentos, na cave do palacio, subiu triste e vagarosamente a vasta escadaria na intenção de se precipitar do telhado; em verdade mal ali chegou... catrapuz, atirou-se de cabeça para baixo, para o meio da rua. Uma boa fada, porem, por tal forma a protegeu, que não só a gentil senhora se não magoou na queda, como até, ao cair, esmagou o maroto do rei negro, que, do canto da rua lhe espreitava as janelas.

O probl ma de hoje, reproduz com todo o rigor, o extraordinario acontecimento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 78

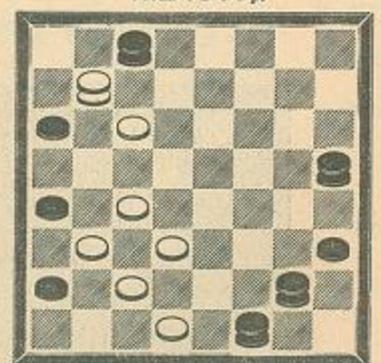
1 B. 6 R

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Rev. Marques de Barros, Vicente Mendonça, Club Portuense (Porto) e Maximo Jordão.

solução do problema n.º 79

	Brancas	Pretas
1	32-23	12-26
2	8-11	2-16
3	28-19	16-23
4	18-27	31-24 10-17
5	13-22-31 (D)	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 80

Pretas 4 D e 4 p.

Brancas 1 D e 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 78 os srs.: Armando Machado, Armenio Sousa, Augusto Teixeira Marques, Neulame (Figueira da Foz), Ruy Freiria, Toto, Um principiante (Carvalhos), e Victor dos Santos Fonseca.

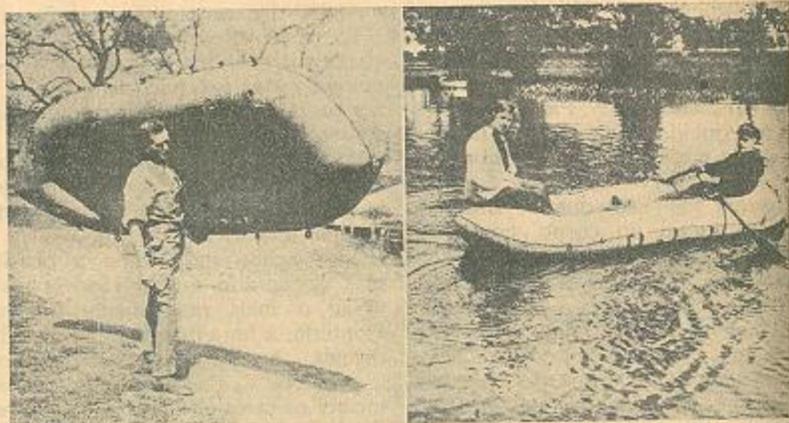
O problema, hoje publicado, foi-nos enviado pelo bem conhecido amador Neulame, com a declaração de que é oferecido ao director desta secção, como prova de consideração e apreço, a que o mesmo director corresponde dizendo *muito obrigado*.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviada para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

Actualidades gráficas

OS BOMBEIROS MODERNOS

Uma notavel descoberta americana duns tecidos ininflamaveis e isoladores do calor permite a confecção de fatos com que os bombeiros podem inpunemente afrontar as chamas.

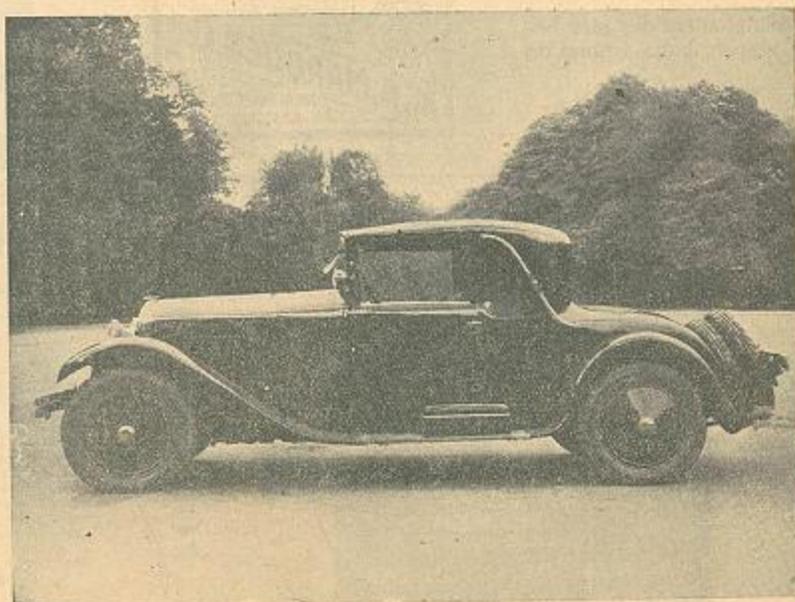
UM BARCO, QUE DOBRADO, CABE NA ALGIBEIRA

Um celebre construtor acabu de, com tecido de balões, confeccionar um barco que cheio de vento o pode transportar dentro de agua e que dobrado é transportavel dentro duma algibeira...

A GRANDE ESTAÇÃO DO WATER-POLO

A equipe de 3.as categorias do "Sport Lisboa Bemfica" que melhor jogo fez no campeonato do passado domingo, revelando uma excelente classe.

A equipe representativa de Lisboa, que infligiu uma derrota por 8 bolas a 0 á selecção portuense, a qual jogou com elevação e correcção.

AS CARRUAGENS DO NOSSO TEMPO

O «NON PLUS ULTRA» DA GRANDE ELEGANCIA MODERNA

Arquivamos nas nossas paginas a linha formidavel deste carro Peugeot cuja elegancia é definitiva e que bem merece a classificação que lhe foi dada de «Joia 1926».

OS GRANDES MORTOS

General Candido Robido, grande amigo de Portugal, gloria autentica do Exercito do Uruguay, e tio da ilustre escritora urugayana D. Laura Robido Guimarães, que ha muitos anos reside em Lisboa.

PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A "mayonnaise" politica da Curía

O sr. Alexandre de Almeida ofereceu no novo hotel da Curía um almoço cuja digestão foi complicada. O Governo comeu calado —e o calado foi ainda o melhor . . .

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Thomaz Colaço, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Leitão de Barros, etc.